

Ensino e Investigação: Algumas Questões

Prof.^a Doutora Fátima Oliveira

A reflexão sobre a universidade actual, a sua história, os momentos fulcrais de mudança, assim como o que se pensa que esta instituição deve ser tem sido objecto de vários estudos nos últimos anos, o que evidencia que a mudança se está a desenhar.¹

As sociedades estão em rápida mudança, e uma parte do nosso quotidiano é cada vez mais influenciada por desenvolvimentos científicos e tecnológicos que nalguns casos, a uma velocidade vertiginosa, saltam dos gabinetes e dos laboratórios de investigação para as nossas vidas. Hoje, para falar só de um exemplo, o computador e as múltiplas facilidades que nos traz, quer na velocidade de comunicação, quer no acesso à informação, é uma ferramenta indispensável para a realização, organização e desenvolvimento de trabalhos de vários tipos.

Por outro lado, as chamadas leis do mercado adquirem cada vez mais força, como forma de regulação das sociedades baseadas na economia, mas também, e no que nos diz respeito, como argumento para preferência de certos cursos em detrimento de outros. O sentido utilitário desta perspectiva não pode fazer-nos esquecer os perigos que tal abordagem também pode encerrar, levando em última análise a funcionar como um espartilho da Universidade, entendida naquele caso como instituição que se deve limitar a dar resposta às necessidades do mercado e não como lugar por excelência da procura e do novo.

Já no nosso século, depois da segunda guerra, a concepção de Universidade altera-se. De instituição em que é dada prioridade ao ensino passa a instituição em que a investigação é o seu papel fundamental. Mas se a Universidade deve

¹ Veja-se, entre outros, o nº _ de Julho de 1998 do *Boletim da Universidade* e o colóquio realizado na Universidade do Porto em 1998 "Universidade: tradição e modernidade".

ser o lugar onde a procura da verdade e do conhecimento são essenciais, deve também ser o lugar onde se gosta de aprender e de ensinar.

Assim, se por um lado se tem estabelecido a dicotomia ensino/investigação, também se estabelece frequentemente a dicotomia ciência/cultura. No entanto, se aqueles se interligam de modo fundamental, não podemos esquecer que a ciência e a capacidade reflexiva sobre as suas teorias e as suas práticas são formas de cultura!

Neste enquadramento, parece-me, pois, crucial questionarmo-nos sobre o papel social de uma Faculdade de Letras.

Em primeiro lugar, creio que é pertinente colocar a seguinte questão: os métodos de ensino que provaram estar razoavelmente adequados no passado, serão ainda apropriados agora? Ao termos passado de um sistema de ensino de elites para uma “massificação” do ensino devemos repensar os métodos de transmissão de conhecimentos tendo em conta que mais do que acumulação de informações é pertinente dar formação aos estudantes, querendo com isto dizer, fornecer-lhes os métodos e os instrumentos adequados ao trabalho futuro. O acesso à informação é cada vez maior e mais abrangente e por isso um dos grandes problemas é ter capacidade de fazer a selecção adequada. Nesta medida, o professor tem cada vez mais que ser um guia e não tanto um actor no palco, tendo presente o sentido etimológico da palavra *educar*, conduzir para fora, isto é, ajudar a fazer sobressair as capacidades que cada um encerra em si.

Por outro lado, a investigação tem, ou deve ter, um lugar privilegiado na Universidade, isto é, é preferencialmente nela que se devem constituir comunidades científicas criativas em que todos discutem, se estimulam, colaboram, competem, pois se as perguntas inteligentes produzem as respostas inteligentes, são os pedidos geniais que produzem os génios.

Projectos conjuntos de interface entre várias áreas parecem-me cruciais porque urge quebrar as fronteiras que nós próprios impusemos, utilizando filosofias de investigação que não se compadecem com os tempos actuais. Actualmente, resultados relevantes de grandes projectos de investigação são fruto da colaboração estreita entre equipas de diversos domínios científicos. Por isso, novas áreas científicas se vêm constituindo como resultado desse encontro, como, por exemplo, a bioquímica, e vários modelos teóricos resultam também dessa abordagem.

Com efeito, se não podemos ser especialistas em várias matérias, temos também que ter presente que uma especialização é aprofundamento e actualização contínua, é conhecer as diferentes teorias e os diferentes métodos e avaliá-los. Nesta medida, para um especialista não há nada fixo ou repetitivo.

E mesmo quando é preciso repetir, quem não estuda e quem não inventa não o consegue fazer, pois reproduzir coisas idênticas significa reinventá-las. Por isso, quem não aprende, quem não inventa, desaprende e o sintoma de perda de informação é o aborrecimento. O professor que usa o mesmo texto durante vários anos e se limita a repeti-lo fá-lo sem vontade acabando por se aborrecer a si e aos alunos.

Assim, um professor ensina e aprende continuamente e um dos fundamentos dessa aprendizagem é a investigação.

Mas ensinar é também transmitir essa atitude aos estudantes, é fazê-los acreditar em si e lutar pela excelência, é levá-los a pensar que aprender é um processo contínuo e que, no fundo, a vida na sua essência é projecto e risco.

Penso, por isso, que se deve estimular uma maior autonomia dos estudantes, o que implica uma maior responsabilização na construção do seu próprio percurso. Temos que conceber novas formas de ensino e também de oferecer um leque maior de alternativas. Por isso me parece que a reestruturação adiada de alguns cursos é *imperiosa*, em especial na fundamentação que no caso de LLM lhe esteve subjacente num primeiro projecto.

Devemos também repensar os cursos de mestrado e de pós-graduação, pois cada vez parece mais importante que possamos não só fornecer cursos de especialização, mas também de reconversão: temos de ser capazes de pensar que se podem e devem oferecer alternativas. E porque a formação ao longo da vida parece estar a transformar-se numa palavra de ordem, creio também ser razoável discutir a viabilidade de cursos de doutoramento.

Não podemos esquecer que nos últimos três anos vem aumentando a capacidade das instituições universitárias públicas e conseqüentemente a diminuição de alunos no privado, deixando, possivelmente, para este o fornecimento de cursos ligados à “formação contínua”. Acresce que as Faculdades de Letras, no que respeita à formação de professores, vão começar a competir com outras instituições públicas a quem foi atribuída capacidade de fornecer licenciaturas.² Se a Universidade não pode ser uma escola profissional, ela não pode também esvaziar-se e não pode deixar de pensar em saídas profissionais.

Não estou com isto a dizer que é preciso lutar contra estes ou aqueles, o que estou a dizer é que é preciso determinar o nosso lugar como instituição universitária e que os focos de sonolência que ainda persistem (um dos grandes perigos das instituições universitárias) devem ser debelados rapidamente.

² Veja-se a dotação orçamental atribuída aos Politécnicos para o próximo ano (*Público* 20/10/98).

Precisamos também de convencer as entidades empregadoras, nas quais incluo também as faculdades, de que melhor formação corresponde a maior profissionalismo e capacidade, não esquecendo que um bom profissional é não só aquele que na escola foi bem sucedido, mas também aquele que tem inquietação, que é criativo.

Disse há pouco que a universidade deve ser também o lugar onde se gosta de aprender e se gosta de ensinar. Isto é, se é importante criar condições estimulantes para os estudantes, não o é menos para os docentes e investigadores. Entre outras coisas, esse estímulo deve incluir condições aceitáveis de trabalho, desde espaços, número de alunos, número de cadeiras, apoios administrativo e secretarial sólidos até à possibilidade de progressão na carreira, que está bloqueada para muitos pelo número exíguo, desequilibrado e mal distribuído de lugares de quadro.

Precisamos de conhecer melhor a instituição em que trabalhamos, pois se não o fizermos, não estamos em condições de projectar o seu desenvolvimento. A avaliação que foi feita às Faculdades de Letras permite-nos conhecer um pouco melhor a instituição que somos, mas quantos de nós conhecem esses relatórios e que comparações podemos fazer com outras instituições similares portuguesas e estrangeiras?

No entanto, é importante evitar que esta necessidade sirva de argumento, melhor dizendo, de obstáculo, à reflexão sobre o que queremos que a Faculdade seja.

Precisamos de fazer um estudo sobre alguns problemas como o insucesso escolar, a ausência de estudantes inscritos ou o abandono da Faculdade, e encontrar algumas soluções.

O Conselho Pedagógico deve ter um papel mais relevante na instituição porque se a Universidade é lugar de investigação, é também lugar de docência e o seu sucesso como tal depende em grande medida dos resultados que se obtêm na formação dos estudantes, não só em termos de classificações finais, mas também na sua qualidade como profissionais, com desejo constante de actualização. Esse é, sem dúvida, um dos mais fortes sinais de prestígio da instituição universitária.

Estou convencida de que esta Faculdade tem imensos potenciais, mas não me parece que estejam a ser completamente aproveitados. Muitos desejam fazer melhor, aprender e discutir com os outros, mas o que em muitos casos tem prevalecido é o individualismo.

Precisamos de ter vontade de mudar, mas aqui cabe também um papel importante aos líderes cujas visão e autoridade são fundamentais. No entanto,

essa autoridade não se pode confundir com poder, pois aquela é a capacidade para convencer, enquanto este é a capacidade para restringir.

Adaptando um anúncio de televisão, “o futuro já não é o que era dantes”, isto é, o que interessa não é predizer o futuro, o que se torna cada vez mais difícil em sociedades em rápida mudança e em que por vezes os indicadores induzem em erro, mas torná-lo possível.

O que queremos nós de uma Faculdade de Letras? Queremos no mínimo um centro de excelência na investigação e no ensino. Para isso, precisamos de nos ouvir uns aos outros e de não nos deixarmos enredar nas questões burocráticas, pois se assim não o fizermos, estamos a negar a essência da Universidade, lugar da criatividade e por isso da capacidade de mudar.

Precisamos de estar mais atentos à realidade social. Mas não iremos muito longe se nos limitarmos a queixar da falta da qualidade do ensino ou da aprendizagem. É preciso que estudantes e professores se questionem e enunciem quais os aspectos essenciais daquelas afirmações gerais. Para um adequado diagnóstico, estas questões devem ser objecto de estudo e de reflexão em diversas instâncias para que, fundamentados neles, possamos encontrar as melhores soluções.

Custa-me aceitar, como é minha experiência, que alguns estudantes só no mestrado venham a saber o que é um relatório de leitura, ou que venham a aprender como se organiza um trabalho, como se citam fontes, etc. Mas também não concebo como é possível que os alunos se inscrevam em cadeiras sem nunca contactarem com os professores, sem se informarem atempadamente dos programas e recorram com alguma frequência às fotocópias dos apontamentos dos colegas.

Por outro lado, temos ainda em diversos casos turmas exageradamente grandes para que o ensino seja eficaz, perpetuando o sistema de transmissão de conhecimentos e esquecendo que é ao fazer e ao experimentar que grande parte da nossa aprendizagem tem lugar.

Não sou contra os exames (ou provas com data marcada) porque são momentos cruciais em que se quebra a tendência natural para adiar, mas acredito que a realização de trabalhos individuais ou em grupo devem ser estimulados, porque permitem um maior aprofundamento e discussão.

Sou de uma geração que ainda pensa que “o saber não ocupa lugar” (ou suas variantes), mas será que os jovens pensam assim? Parece-me que, entre outras coisas, eles precisam de saber para quê. Sem deixarmos que utilidade se confunda com utilitarismo, devemos dizer-lhes que um maior conhecimento e uma maior capacidade criativa é “fundamento para uma maior democracia, para

uma maior capacidade de análise e actuação na sociedade” “promovendo a reflexão e a capacidade de raciocínio crítico e independente”.³

É preciso convencer os estudantes de que não podemos dar-lhes receitas, pois o conhecimento não é estático, de que a sua formação é um trabalho de equipa entre professor e aluno e de que as nossas sociedades exigem que, de uma maneira ou de outra, sejamos sempre estudantes.

Falta-nos ainda em Portugal uma cultura do profissionalismo e da competência, que, parece, começa a mudar, e recorreremos muito ainda à atitude pessimista de apontar mais ou menos claramente o que está mal, sem a acompanhar de uma reflexão sobre as alternativas e sem a actuação correspondente.

Parece-me importante valorizar o que está melhor e ter uma atitude optimista, isto é, embora conscientes dos problemas, continuar a trabalhar para superar as dificuldades.

Por isso, precisamos de criar grupos de reflexão, talvez coordenados pelos vários órgãos directivos, que, com tarefas bem definidas e com um prazo determinado, apresentem a toda a escola (e à Universidade) os seus resultados para que não se percam as reflexões feitas neste Encontro e o entusiasmo com que muitos de nós discutimos pontos de vista com o objectivo de encontrar soluções.

Por último, e para tentar responder ao título do painel, direi que, se por renovação se entender uma operação de cosmética, eu sou claramente pela inovação! Inovação nos métodos, inovação nas atitudes, inovação nas práticas, inovação na reflexão, inovação nas propostas, apesar de estar consciente de que não se pode inovar em tudo constantemente.

Acho, no entanto, que não devemos ter receio da novidade, receio de crescer, receio de mudar. Não podemos encerrarmo-nos no passado, no bem-estar, nos hábitos. Grandes nomes da cultura mudaram radicalmente de vida já tarde: Kant, passado o meio da vida escreveu *Crítica da Razão Pura*, todos conhecemos as diferentes fases de Picasso e Saramago, há vinte anos, começou, com novo fôlego, a escrever romances. Estes e muitos outros tiveram, entre outras coisas, a capacidade e a coragem de correr riscos, de se porem em causa a si próprios, de questionarem o seu valor, as suas ideias. Tiveram a capacidade de recomeçar.

Façamos nós o mesmo, pois o sonho e o empenhamento em o realizar são o sinal inconfundível de uma época criativa, que desejamos seja a nossa, em particular a da Faculdade de Letras.

³ Veja-se a Declaração da Conferência Mundial da UNESCO (Paris 5-9 de Outubro 98) in *Público* 11.10.98, p.30.